

Arquitetura neoenxaimel em Santa Catarina: a invenção de uma arquitetura típica

Neo-enxaimel architecture in Santa Catarina: the invention of a typical architecture

Arquitectura neo-enxaimel en Santa Catarina: la invención de una arquitectura típica

Maurício Biscaia Veiga¹

Recebido em: 8/7/2013

Aceito para publicação em: 16/1/2014

Resumo: Este artigo propõe-se a discutir questões referentes à construção da história e da identidade cultural de uma cidade por meio da arquitetura e do patrimônio cultural, os quais remetem ao passado e à memória, mas de forma a supervalorizar

¹ Mestre em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP) e graduado em Design Gráfico pela Universidade da Região de Joinville (Univille), ambos com pesquisa na área de patrimônio cultural, com enfoque na arquitetura enxaimel em Santa Catarina.

características de um determinado grupo étnico ou cultural. Utilizam-se como objeto de estudo as cidades catarinenses colonizadas por imigrantes alemães, especialmente Blumenau e Joinville, que passaram por esse processo para atender a necessidades mercadológicas e para serem inseridas em roteiros turísticos, culminando na implantação de uma falsa arquitetura típica: o neoenxaimel.

Palavras-chave: patrimônio cultural; identidade cultural; arquitetura neoenxaimel.

Abstract: This article aims to discuss issues related to building the history and cultural identity of a city through architecture and cultural heritage, referring to the past and memory, but in a way that overvalues a particular ethnic or cultural group. Used as the object of this study, were cities in the state of Santa Catarina that had been colonized by German immigrants, Blumenau and Joinville in particular, which underwent this process to meet market needs and to be included along tourist routes, resulting in the creation of a false typical architecture: the neo-enxaimel style.

Keywords: cultural heritage; cultural identity; neoenxaimel architecture.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir temas relacionados con la construcción de la historia y la identidad cultural de una ciudad a través de la arquitectura y del patrimonio cultural, referenciando el pasado y la memoria, y que venga a valorar un grupo étnico o cultural en particular. Como ejemplo son estudiadas las ciudades catarinenses colonizadas por inmigrantes alemanes, especialmente Blumenau y Joinville, que pasaron por este proceso para satisfacer las necesidades del mercado, en la cual fueron insertadas en rutas turísticas, culminando en la implantación de una arquitectura típica falsa: el estilo neo-enxaimel.

Palabras clave: patrimonio cultural; identidad cultural; arquitectura neo-enxaimel.

É bastante comum ver em materiais turísticos sobre Santa Catarina o incentivo à visitação a cidades como Blumenau, Joinville, Pomerode, Brusque, entre outras, para conhecer a “arquitetura e cultura típica germânica”, em “um pedacinho da Europa no Brasil”. Nesses locais, os turistas deparam com casas e culinária típicas e com festas tradicionais que “preservam” a cultura alemã, como a Oktoberfest. A região do Vale do Itajaí, que tem Blumenau como cidade principal, é chamada pela Santa Catarina Turismo (Santur), órgão de turismo do estado de Santa Catarina, de Vale Europeu, vendendo uma imagem da região como um lugar onde as tradições germânicas trazidas por imigrantes permanecem praticamente inalteradas.

A contribuição cultural germânica nessas cidades é inegável, não podendo ser ignorado o fato de que elas foram fundadas por imigrantes alemães e que continuaram recebendo uma grande quantidade de imigrantes² até as primeiras décadas do século XX. Assim, parte da população atual descende desses imigrantes. Em cidades menores da região e, especialmente, em áreas rurais, a influência germânica é ainda mais perceptível, tendo diversos costumes e tradições sido preservados ao longo do tempo. Contudo o que muitos turistas, e até mesmo muitos de seus habitantes, desconhecem é que houve uma época, entre o fim da década de 1970 e início da de 1980, em que foram criadas estratégias para maximizar essa aparência germânica, no intuito de tornar tais localidades mais atrativas

² Segundo dados de Jochem (*apud* IPHAN, s.d.), no período entre 1824 e 1914 o Brasil recebeu cerca de 93 mil imigrantes alemães. Entre estes, cerca de 20 mil, de acordo com Böbel e S. Thiago (2010), se estabeleceram na região de Joinville.

ao turismo, uma vez que a indústria turística prioriza em um lugar suas características marcantes e, várias vezes, as mostra como algo comum a todos, reforçando estereótipos. Em Santa Catarina, além da criação das festas e culinária típicas, foi produzida uma nova arquitetura que se alastrou pelo centro dessas cidades: trata-se do neoenxaimel, um revivalismo do enxaimel, antiga técnica artesanal de construção de casas trazida por imigrantes alemães.

O enxaimel³ foi bastante utilizado em países do centro e norte da Europa, desde fins da Idade Média até a Revolução Industrial. A técnica caracteriza-se basicamente pela construção de paredes formadas por uma estrutura com peças de madeira horizontais, verticais e inclinadas encaixadas umas nas outras, sem o uso de pregos; os espaços vazios entre as madeiras eram depois preenchidos, geralmente, de taipa. No século XVIII, o tijolo começaria a ser usado como material de preenchimento das paredes das casas em cidades no norte da Alemanha (WEIMER, 2005). A estrutura de madeira normalmente ficava exposta na fachada, possuindo também função decorativa. Ao longo do tempo, o enxaimel europeu sofreu inúmeras variações técnicas e estéticas, de modo que não se pode dizer que exista um estilo enxaimel. É preciso frisar que enxaimel é a técnica de construção e não o estilo da casa, embora a técnica proporcione uma estética peculiar.

Conforme Weimer (2005), na época da imigração alemã para o Brasil, praticamente já não se construía mais casas de enxaimel na Alemanha. Uma das razões para isso foi a escassez de matéria-prima, pois não havia madeira suficiente para atender à crescente demanda de construção, visto que a técnica era bastante difundida. Além disso, a modernização das técnicas de construção também contribuiu para a obsolescência do enxaimel. Quando os imigrantes chegaram a Santa Catarina, a partir da segunda metade do século XIX, utilizaram aqui a técnica na construção de casas, porém adaptaram-na às necessidades e aos recursos naturais locais, aproveitando a abundância de madeira da região e usando tijolos como preenchimento, uma vez que a taipa não era adequada ao clima local. Além disso, também em função do clima, em muitas casas foram inseridas varandas, algo quase inexistente nas habitações alemãs. Dessa forma, criou-se um modo de construir casas adaptado do original, tornando tais casas únicas no mundo.

Outra característica marcante que difere as casas de enxaimel no Brasil das europeias é a sua relação com o espaço. Na Alemanha, embora a técnica também tenha sido empregada em áreas rurais, esse tipo de moradia estava associado a um contexto majoritariamente urbano. Na época de construção dessas casas, muitas cidades ainda eram rodeadas por muralhas, o que dificultava a expansão urbana, sendo então necessário um melhor aproveitamento de espaço. Assim, ainda hoje existem em algumas cidades alemãs aglomerados com várias casas de enxaimel. No Brasil, em virtude, principalmente, da grande quantidade de terras disponíveis, os colonos adquiriam seus lotes e neles faziam suas moradias e montavam seus ranchos. Ou seja, aqui, embora também tenham sido erigidas casas de enxaimel nas cidades, elas foram construídas, de modo geral, em regiões rurais.

³ A origem da palavra *enxaimel* é incerta, uma vez que seu nome em alemão é totalmente diferente: *Fachwerkbau* (ou simplesmente *Fachwerk*), o que significa “construção em prateleiras”. Weimer (2005) cita as definições dadas em alguns dicionários de português. Porém todos eles se referem ao enxaimel como uma peça de madeira que faz parte de determinada estrutura, enquanto na língua alemã a palavra *Fachwerk* alude a uma estrutura composta por várias peças encaixadas. Assim, a palavra *enxaimel* é sempre usada na obra de tal autor, e conseqüentemente neste trabalho, com o mesmo significado do alemão, até porque esse é o nome pelo qual a referida arquitetura ficou conhecida no Brasil.

Figura 1 – Casa de enxaimel na região rural de Blumenau

Fonte: Primária (2012)

Em Santa Catarina, construíram-se habitações utilizando a técnica do enxaimel até as primeiras décadas do século XX. Com a modernização das técnicas de construção, o enxaimel acabou por se tornar obsoleto.

Décadas depois, já no fim dos anos 1970, surgiria então, em Blumenau, uma tendência arquitetônica em imitar as formas do enxaimel, transformando a estética urbana da área central da cidade, uma vez que existiam poucos exemplares de casas de enxaimel autênticas no centro. Tal processo de reconstrução da imagem da cidade para o turismo foi promovido pelo poder público, conforme analisa Frotscher (2000, p. 202). Para a autora,

a Secretaria de Turismo, para transformar Blumenau em pólo turístico, pretendia construir uma cidade-imagem, uma cidade para ser vista, investindo em campanhas educativas no sentido de dar a ela um visual bonito. Blumenau estava, então, começando a se inserir numa tendência cultural contemporânea, na qual as imagens também são transformadas em artigos econômicos. Ao mesmo tempo, o processo de mundialização da economia trazia consigo um projeto de valorização dos regionalismos e a recriação de identidades.

Blumenau foi, então, a pioneira na criação da arquitetura e das festas típicas em Santa Catarina, algo que logo foi também imitado em outras cidades da região.

Esse caso pode ser relacionado ao fenômeno de valorização e ampliação de conceitos como memória e identidade ocorridas nas últimas décadas, período em que, segundo vários autores, como Winter (2006), tem havido uma frequente revisitação e rememoração do passado, como na construção de monumentos e memoriais, criação de museus, publicação de livros trazendo novas visões sobre histórias do passado, filmes e novelas de época etc.

O autor explica que o grande desenvolvimento capitalista do pós-guerra deu à indústria cultural uma importância ainda maior na economia, surgindo assim uma grande demanda por diversos produtos culturais. E, apropriando-se do conceito de memória coletiva, a indústria cultural começou a criar produtos abordando acontecimentos históricos⁴.

Outro fator que contribui para essa presentificação do passado é, segundo Huysen (2004), o rápido avanço da tecnologia e das transformações no modo de vida da sociedade. O mundo globalizado, com sua ameaça de destruir as identidades nacionais – e mais ainda as regionais e locais –, faz com que as pessoas se liguem mais ao passado e voltem a evocar as tradições, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, esperam e temem o futuro. Nesse contexto, conforme Winter (2006, p. 78),

o comércio de patrimônio e herança se torna uma atividade lucrativa, com nichos de mercado e metas de consumo. A transformação da memória em mercadoria valeu a pena, houve um enorme *boom* de consumo do passado em filmes, livros, artigos e, mais recentemente, na internet e na televisão. Há toda uma indústria dedicada a exposições de grande impacto em museus, cujos visitantes parecem responder cada vez mais a *shows* espetaculares.

Entretanto, como muitos dos produtos ligados à memória são direcionados às massas, eles acabam por não abordar aspectos históricos de maneira contextualizada, mas sim de forma simplista. Logo, a história e a memória tornam-se produtos para serem consumidos, produtos esses, porém, pasteurizados para fácil assimilação. E o patrimônio cultural, ao ser incorporado pela indústria turística, também acaba passando por essa pasteurização, sendo transformado do mesmo modo em produto para consumo, como mercadoria cultural.

O patrimônio é, assim, utilizado como um importante recurso para atrair investimentos, na *concorrência intercidades* (FORTUNA *apud* LEITE, 2007), um fenômeno contemporâneo que se caracteriza pela disputa entre as cidades no mercado global, culminando naquilo que Sánchez (2007) aponta como a *cidade-espetáculo*. Ela afirma que, no atual estágio do capitalismo, em que a cultura se tornou uma importante mercadoria para a economia, especialmente por meio da indústria do turismo, as cidades têm criado estratégias para se diferenciar por conta dessa concorrência, passando por grandes intervenções urbanísticas, com o objetivo de adequar-se “à atual dinâmica econômica, [de inserir-se] no atual circuito de reprodução e valorização capitalista (SÁNCHEZ, 2007, p. 25)”.

Dessa maneira, grandes obras e empreendimentos são realizados nas cidades para torná-las mais atrativas, visando tanto ao turismo quanto à requalificação do espaço urbano. Choay (2001) também aborda tal questão, ao afirmar que “os monumentos e o patrimônio históricos adquirem [atualmente] dupla função – obras que propiciam saber e prazer, postas à disposição de todos; mas também produtos culturais, fabricados, empacotados e distribuídos para serem consumidos” (CHOAY, 2001, p. 211). Com a transformação do patrimônio cultural em mercadoria, fenômeno chamado pela autora de *indústria patrimonial*, muitos lugares acabam forjando ou manipulando sua história e recriando identidades. Assim, em vez de apenas valorizar um patrimônio existente, acaba-se por elaborar novos objetos que são vendidos como patrimônio autêntico. Pode-se dizer que isso aconteceu de forma bastante ampla nas cidades catarinenses aqui citadas, uma vez que a criação da arquitetura e das festas típicas tinha como objetivo promover uma identidade germânica, no intuito de tornar tais cidades mais atrativas a um projeto de turismo cultural, conforme analisam autores como Flores (1997) e Frotscher (2000).

⁴ Esse autor (WINTER, 2006) faz sua análise a partir de uma perspectiva dos países desenvolvidos: Estados Unidos e países da Europa Ocidental. Somente décadas depois é que outras regiões do mundo, incluindo aí o Brasil, começariam a passar por processo semelhante.

A recriação de uma identidade germânica em Santa Catarina pode ser considerada um caso exemplar daquilo que Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9) denominam de tradição inventada:

Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas. [...] significa um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual automaticamente implica continuidade com um passado histórico adequado.

Segundo Flores (1997), essa reconstrução da identidade germânica em Santa Catarina teve início em Blumenau e seu objetivo era tornar a cidade um polo turístico. Blumenau já se destacava por seu turismo de compras, por causa das indústrias têxtil e de cristais. No entanto ainda era preciso algo mais. Seguindo a tendência contemporânea de exaltar determinadas características culturais da cidade e fazer seu *marketing* em torno delas⁵, o poder público investiu, então, na exploração da alegada germanidade de seu povo como atrativo para fortalecer o turismo regional. Todavia já não existia no centro da cidade, se é que algum dia existiu, uma paisagem que aludisse à ideia de germanidade, uma vez que lá quase não havia casas de enxaimel. Até mesmo muitos dos casarões construídos no início do século XX (que não eram de enxaimel) não existiam mais, tendo muitos sido substituídos por edificações modernas. Dessa forma, foi preciso recriar uma cidade com aparência germanizada, surgindo a arquitetura neoenxaimel, que apenas simula a aparência das antigas casas, mas não utiliza a técnica. Contudo vende-se a ideia de que tais construções, ou a estética delas, constituiriam uma tradição que permaneceu com o tempo, o que não é verdadeiro, já que elas se deram décadas depois de desuso do antigo enxaimel. Esse pode ser considerado um exemplo da indústria patrimonial, citada por Choay (2001), pois, se não havia atrativos históricos suficientes, era preciso inventá-los.

O neoenxaimel começou a aparecer no centro de Blumenau a partir de 1977, ano em que foi criada uma lei municipal⁶ que concedia incentivos fiscais, como a redução ou a isenção de impostos municipais por um período de dez anos, para os proprietários de edificações construídas em “estilo típico” dentro do perímetro urbano. A partir dessa época até meados da década seguinte, tal arquitetura, tendo grande incentivo do poder público, se alastrou pelo centro da cidade.

Ainda nessa proposta de enfatizar uma identidade germânica em Blumenau, foi criada, em 1984, a Oktoberfest, também vendida como uma tradição do povo blumenauense trazida pelos imigrantes que fundaram a cidade. Há até o mito, amplamente divulgado pela mídia, de que ela foi idealizada para levantar a autoestima dos blumenauenses após as grandes enchentes ocorridas naquele ano e no anterior. Flores (1997), porém, mostra

⁵ Flores (1997) cita como exemplos as cidades italianas de Florença e Veneza, que passaram a vender sua imagem como cidades da arte, e Milão, hoje mundialmente conhecida como cidade da moda e do *design*. De fato, essas características são inerentes a tais cidades, mas isso não quer dizer que elas sejam apenas e exclusivamente a imagem que é criada a respeito delas; essa seria uma forma de tornar mais fácil a sua divulgação mercadológica, como uma espécie de *slogan*.

⁶ “Lei n.º 2.262, que em seu artigo primeiro determina: ‘Fica o executivo autorizado a conceder favores fiscais às edificações que forem construídas dentro do perímetro urbano de Blumenau para fins comerciais, residenciais, isolados ou conjuntamente, e que apresentarem os estilos arquitetônicos típicos conhecidos como Enxaimel e Casa dos Alpes, nas seguintes bases: a- 50% do Imposto Predial Urbano para edificações residenciais; b- 1/3 do IPU para as edificações destinadas ao comércio, obedecendo os critérios de lançamento estabelecidos pelo Código Tributário do Município’. A mesma lei fixava o benefício por um período de 10 anos, a partir da concessão do habite-se” (ALTHOFF, 2008).

como a comissão de turismo da cidade já vinha discutindo sobre a sua criação vários anos antes, no intuito de produzir um grande evento turístico. Além disso, esse discurso relacionado às enchentes contradiz a ideia de que a festa seria uma tradição, uma vez que ela não surgiu do povo. Dessa forma, embora o discurso oficial da prefeitura alegasse que a elaboração dessa nova arquitetura e das festas “típicas” tinha como propósito um resgate das tradições, era bastante claro o seu objetivo mercadológico. Além disso, era também uma forma de afirmar e reforçar uma identidade cultural diferenciada no país, exaltando a figura do colonizador germânico.

Para Canclini (2008), uma identidade cultural consiste em um conjunto de características pertencentes a um grupo social que lhe dá o sentimento de pertencer a determinado lugar: uma cidade, um país etc. Ele afirma:

Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos (CANCLINI, 2008, 190).

Hall (2006, p. 29) também discorre a respeito:

Possuir uma identidade cultural [...] é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de tradição, cujo teste é o de sua fidelidade às origens [...]. É, claro, um mito.

Trata-se de um mito, pois a identidade cultural, conforme analisam Hall (2006) e Canclini (2008), não é solidificada nem imutável. Ambos os autores desconstruem a ideia de uma identidade cultural permanente. Primeiramente porque, por mais que haja características culturais comuns entre os indivíduos de determinada sociedade, elas jamais serão comuns a todos. Além disso, as culturas transformam-se ao longo do tempo, pois constantemente recebem influências de outros grupos culturais.

Até mesmo a ideia de que uma única identidade alemã unificava os imigrantes em Santa Catarina é um mito, uma vez que nas primeiras décadas de imigração, entre 1850 e 1870, o Estado nacional alemão não havia ainda se consolidado. Os imigrantes eram provenientes da Prússia, Renânia, Saxônia, Pomerânia, Turíngia, entre outros estados que fazem parte do que hoje é a Alemanha, mas que eram independentes na época e só foram unificados por intermédio de um violento processo de dominação cultural. Dessa forma, cada região, embora elas tivessem muitas proximidades, tinha também suas particularidades locais, inclusive a língua, com dialetos variados. Assim, diferentes grupos passaram a conviver nas regiões de colonização, misturando seus aspectos culturais.

Além disso, embora os alemães tenham sido a maioria dos imigrantes, de maneira que, até a década de 1940, o alemão era a língua mais utilizada nessas cidades, deve-se considerar também que se estabeleceram nas regiões de Blumenau e Joinville imigrantes de outras etnias e nacionalidades, como suíços, noruegueses, italianos e eslavos, bem como as comunidades açorianas, luso-brasileiras e indígenas que já habitavam a região (BÖBEL; S. THIAGO, 2010). Ou seja, apesar de os alemães serem o principal grupo no discurso oficial de fundação e colonização de tais cidades, é inegável que outros grupos e etnias também tiveram seu papel no processo de construção delas.

Nos anos 1970/1980, a identidade germânica em Santa Catarina foi então recriada, pois já havia sido diluída. Dois fatores contribuíram para isso. Um deles foi, segundo

Flores (1997), a Campanha de Nacionalização, promovida por Getúlio Vargas, que abafou a identidade da região ao proibir imigrantes e seus descendentes de manifestarem publicamente sua língua, cultura e tradições. Essa política autoritária criou uma forte tensão, por conta da imposição linguística e cultural, para que, mesmo após o período da campanha, os imigrantes alemães e seus descendentes tivessem vergonha de pertencer a uma cultura que foi marginalizada e até mesmo considerada criminosa durante aquele período (FLORES, 1997). Outro fator que contribuiu para a diluição da identidade germânica na região foi a migração interna em massa, ocorrida a partir da década de 1950, e com grande força entre as de 1960 e 1980. Muitas pessoas de várias partes do Brasil migraram especialmente para Blumenau e Joinville atraídas pelos empregos nas grandes indústrias que se consolidavam na época⁷. Isso fez com que outros grupos culturais passassem a circular nessas cidades, tornando-as multiculturais e levando-as a ficar mais parecidas com o restante do país. Assim, ao mesmo tempo em que surgiam os bairros periféricos, com uma população multiétnica e cultural e pertencente a classes sociais mais baixas, a área central das cidades era regermanizada esteticamente.

Nesse universo multicultural, tenta-se reafirmar uma identidade, trazendo à memória a história da colonização da cidade, no intuito de fazer prevalecer a ideia que se quer transmitir. E o patrimônio cultural, principalmente a arquitetura, assim como outras manifestações artísticas e culturais, constitui uma forma de afirmar uma identidade. Todavia o discurso patrimonial, ao mesmo tempo em que privilegia e enaltece a herança de determinados grupos, ignora a de outros. Segundo Jeudy (2005, p. 22),

um dos primeiros objetivos da ordem patrimonial é o de expressar a identidade de uma região, de uma nação, de um acontecimento histórico... Essa referência obrigatória à identidade [...] parece se opor ao fenômeno da globalização, funcionando como uma defesa contra a perda das identidades culturais.

Porém rememorar o passado por meio da arquitetura não é, segundo Flores (1997), um fenômeno novo. Houve pelo menos dois grandes momentos da história ocidental em que isso foi realizado. O mais famoso deles é o período conhecido como Renascimento, ocorrido primeiramente na Itália e espalhando-se depois por todo o continente europeu, quando os arquitetos se voltaram para a tradição clássica greco-romana, no intuito de reafirmar a grandiosidade vivida anteriormente naquele mesmo local pelo Império Romano. Já no século XIX, inspiradas pelo movimento romântico e pelo ideal de construir a identidade nacional, as nações europeias também procuraram reviver o passado por meio de releituras de estilos arquitetônicos nacionais. Nessa época, “os arquitetos acreditavam que qualquer coisa criada nos séculos anteriores à industrialização seria necessariamente melhor que qualquer obra que expressasse o caráter de sua própria era” (PEVSNER, 2002, p. 390). Assim foram disseminados os estilos neoclássico, neogótico, eclético, entre outros. Esse movimento historicista na arquitetura refletiu-se também no Brasil, na maioria das grandes cidades entre o fim do século XIX e início do XX. Mesmo que o país jamais tivesse presenciado em sua história estilos arquitetônicos típicos da Antiguidade e Idade Média, sua releitura fez-se bastante presente. Influenciadas por Paris, as principais cidades brasileiras da época fizeram uso constante, principalmente, dos estilos eclético e neoclássico.

Quanto às cidades catarinenses aqui citadas, que também passaram pela arquitetura eclética e historicista no começo do século XX, o processo de rememoração do passado por meio do neoenxaimel dá-se em um novo contexto histórico, no qual a cultura passa a ser

⁷ Segundo Ternes (1986), em 1950 Joinville tinha aproximadamente 43 mil habitantes. Em 1985 já contava com uma população de 320 mil. Blumenau também passou por um crescimento demográfico similar nesse período.

vendida como mercadoria e a indústria turística vem conquistando cada vez mais espaço. Nos anos 1970, Blumenau e Joinville já tinham se consolidado como centros industriais e vinham obtendo grande crescimento econômico. Nesse contexto, com o intuito de incrementar sua economia, Blumenau começou a se reinventar como cidade germânica para o turismo. Dessa forma, a construção de edificações em neo enxaimel teve um objetivo bem diferente de movimentos historicistas anteriores. Flores (1997, p. 73) afirma:

Se ‘a única coisa que Blumenau podia vender, em termos de Blumenau, era o seu lado germânico’, [...], a fachada arquitetônica como elemento de evocação à tradição forma uma nova aura para as mercadorias produzidas localmente. Habitando estas casas comerciais de fachada germânica, [...], o conjunto, mercadorias e a casa comercial onde são expostas, forma um atrativo turístico. E o conjunto desse casario [...] conquista os turistas, não só durante o período de festas, mas também no resto do ano, podendo ser tomado como uma forma discursiva associada ao mercado.

Seu objetivo era, então, vender a imagem da cidade como um atrativo turístico cultural. Como incentivo a esse projeto, surgiu a já citada lei dos benefícios fiscais aos proprietários de construções em “estilo típico”. Pouco tempo depois, outras cidades da região, ao verem os resultados positivos obtidos em Blumenau, tomaram medidas similares. Em Joinville, segundo Althoff (2008), também foi adotada, em 1979, uma lei de benefícios fiscais, fazendo com que surgissem nas ruas centrais da cidade várias edificações remetendo à estética do enxaimel.

O neo enxaimel, no entanto, não tem compromisso nenhum com veracidade histórica, tampouco se preocupa em preservar ou perpetuar a técnica. Seus encaixes de madeira são apenas de fachada, geralmente pregados nas paredes de concreto, criando um estilo e dando apenas um efeito visual, diferentemente do antigo enxaimel, cujas peças de madeira faziam parte da própria estrutura da casa. Por isso, os exemplares dessa arquitetura são chamados pejorativamente de enxaimeloides por seus opositores.

O estilo neo-enxaimel imita ou apenas lembra a antiga técnica de construção. Enquanto fachada decorativa, suscita discussões, tanto sobre o caráter utilitário e funcional dos edifícios, como quanto às questões do patrimônio cultural. [...] Apenas seu exterior mimetiza a tradição germânica, manifestando o espetáculo da cultura do olhar (FLORES, 1997, p. 74).

Choay (2001, p. 214) afirma que “reconstituições ‘históricas’ ou fantasiosas, demolições arbitrárias e restaurações inqualificáveis” são estratégias recorrentes quando se quer agregar valor a um sítio histórico, mesmo que todas as convenções internacionais sobre patrimônio condenem qualquer tipo de reconstituição, prezando pela autenticidade. E isso ainda ocorre pelo mundo todo. Harvey (2005, p. 84) também critica esse tipo de intervenção: “Réplicas, sem vestígio de ironia ou de paródia, criam simulacros difíceis de distinguir de versões bem restauradas do original”.

Althoff (2008) considera o neo enxaimel catarinense um pastiche, ou seja, uma imitação sem nenhum valor artístico ou arquitetônico. A respeito dessa construção de réplicas e imitações, Henning (2007, p. 92) afirma:

Mesmo em face de toda a discussão atual acerca da autenticidade em patrimônio histórico, surge a construção de cenários espetaculares que procuram reproduzir em pormenores [...] construções que supostamente existiam antes [...]. O patrimônio passa a ser um simulacro de tempos passados, como se o tempo, naquele lugar, tivesse parado. Não se trata de conservar algo que permaneceu, mas de reconstruí-lo identicamente [...].

É a simulação de uma realidade que não mais existe, nem no tempo, nem no espaço – e que talvez jamais tenha existido desta forma.

O neoenxaimel catarinense é um caso exemplar disso, pois simula uma realidade inautêntica. Como visto anteriormente, as casas de enxaimel construídas na época da colonização estavam inseridas num contexto espacial e social totalmente diferente do dessas reconstruções. Além disso, o neoenxaimel não teve como inspiração o antigo enxaimel local, uma vez que este tinha como importante característica estética os tijolos aparentes, bem como as antigas casas tinham dimensões mais modestas. Para o neoenxaimel, optou-se por paredes brancas, algo comum em casas encontradas na Europa, mas não nas de Santa Catarina.

A mais conhecida de todas as edificações em neoenxaimel de Santa Catarina é o Castelinho de Blumenau, antigamente sede das Lojas Moelmann, e atual Havan. Sua construção data de 1978 e teve como objetivo atrair clientes por meio de sua fachada. O prédio da prefeitura, erigido em 1982, também é um exemplo conhecido, além de várias outras edificações produzidas na mesma época no entorno desses dois, especialmente na Rua XV de Novembro, uma das mais antigas ruas da cidade. Houve também várias construções que apenas tiveram sua fachada reformulada, visando aos benefícios fiscais. Pode-se ver um exemplo nas imagens a seguir:

Figura 2 – Rua XV de Novembro na década de 1970



Fonte: ACIB (2001, p. 148)

Figura 3 – Rua XV de Novembro atualmente

Fonte: Primária (2012)

Joinville iniciou a implantação do neoenxaimel em sua área central como uma espécie de concorrência com Blumenau, também querendo vender a ideia de cidade germânica, tendo sido o próprio prefeito da época o principal incentivador desse projeto (ALTHOFF, 2008). Contudo, analisando propagandas turísticas recentes da cidade, percebe-se que tem havido pouco foco na ideia de cidade germânica, existindo mais incentivo ao turismo de negócios e de eventos, como o Festival de Dança, que ocorre todos os anos no mês de julho. Até mesmo a Fenachopp, festa germânica criada em 1988, inspirada na Oktoberfest de Blumenau, foi extinta em 2003. Mas, ainda assim, as “casas típicas” no centro da cidade chamam a atenção de turistas e transeuntes, apesar de não haver em Joinville nenhum edifício em neoenxaimel com a mesma fama ou representatividade do Castelinho de Blumenau.

Um dos mais emblemáticos exemplares de neoenxaimel em Joinville é o Mercado Municipal. Construído em 1982, substituiu o anterior, que datava do início do século XX. O antigo mercado, situado ao lado do local onde ficava o porto da cidade, arquitetonicamente possuía feições açorianas. No começo da década de 1980, já bastante descaracterizado após inúmeras reformas, ele foi então demolido para dar lugar ao novo mercado.

Figura 4 – Antigo Mercado Municipal de Joinville



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico de Joinville

Figura 5 – Mercado Municipal de Joinville



Fonte: Primária (2012)

Aqui cabe questionar: para valorizar a história da cidade, restaurar o velho mercado de modo a devolver-lhe sua feição antiga não teria sido uma medida mais coerente do que criar uma falsa arquitetura típica? É bastante curioso que justamente um edifício que não convergia para a ideia propagada pelo discurso oficial, a imagem de uma cidade com identidade e raízes germânicas, foi eliminado e substituído por um que, supostamente, valorizaria e resgataria as tradições. Sánchez (2007, p. 36) critica esse tipo de intervenção urbana que privilegia um ou outro grupo:

As estruturas arquitetônicas e urbanísticas criadas para representar as diferentes etnias são mostradas ao público [...] como expressões da riqueza e tolerância que definem o caráter da cidade e dos seus habitantes. A edição seletiva da história que estas práticas espaciais representam valoriza e idealiza partes do passado enquanto apaga outras. A história da cidade é reeditada pelo governo urbano, para o turismo e para as novas gerações.

Um lugar de Joinville em que proliferaram edificações em neoenxaimel foi, assim como em Blumenau, embora em menor quantidade, o centro histórico: a Rua do Príncipe, uma das mais antigas da cidade, e outras próximas a ela. Nessa rua, em meio aos vários casarões tombados datados do início do século XX⁸, e aos edifícios modernos posteriores, localizam-se alguns exemplares de arquitetura neoenxaimel. Althoff (2008, p. 140) critica:

As edificações com linguagem em enxaimel sobressaem-se sobremaneira em meio às demais edificações da área central de Joinville e em alguns casos fora dela. Podemos constatar que as principais esquinas da área central são ocupadas por edificações do gênero, e além disso constituem-se nas edificações de maior porte, ocupando na maioria das vezes mais do que um lote. [...] Um fato lamentável é constatar que ao lado de algumas delas existem edificações tombadas pelo Estado.

Althoff (2008, p. 142) critica ainda a ampla divulgação dessa arquitetura em propagandas turísticas, afirmando que é bastante difícil “encontrar a mesma facilidade para a divulgação da arquitetura preservada, [...] talvez por estas não possuírem a força da imagem caricata que o pastiche imprime no imaginário popular”.

Na Rua do Príncipe há, entre outras, duas edificações em neoenxaimel que se destacam, construídas entre o fim da década de 1970 e início da de 1980. Ambas se localizam em importantes esquinas, conforme frisado por Althoff (2008), e foram erigidas no lugar de antigos casarões.

⁸ Conforme visto na Relação de Imóveis tombados em Joinville (disponível em: <<http://fundacaocultural.joinville.sc.gov.br/>>. Acesso em: 14 dez. 2013), há na Rua do Príncipe um casarão tombado pelo governo municipal e 14 casarões tombados pela Fundação Catarinense de Cultura (governo estadual). Nenhum deles era tombado na época de implantação do neoenxaimel.

Figuras 6 e 7 – Edificações em neoenxaimel na Rua do Príncipe



Fonte: Primária (2012)

Tanto em Blumenau como em Joinville existem ainda diversos outros exemplares de edificações em neoenxaimel, não cabendo aqui mostrar e analisar cada um deles. Muitos foram, provavelmente, construídos ou tiveram sua fachada reformulada somente para serem contemplados pelos benefícios fiscais. Como a lei de incentivo não propunha um modelo do que seria o estilo típico, bastava que fossem pregadas algumas peças de madeira na fachada ou que se implantasse um telhado inclinado. Isso acabou resultando, em ambas as cidades, em uma banalização da estética do enxaimel, como visto nos exemplos a seguir.

Figura 8 – Banalização do enxaimel em Blumenau



Fonte: Primária (2012)

Figura 9 – Banalização do enxaimel em Joinville



Fonte: Primária (2012)

É importante lembrar que, desde a época em que se iniciou a implantação do neoenxaimel, embora houvesse quem aprovasse tal arquitetura, isso não se deu sem críticas. Conforme visto em jornais da época, vários artistas, arquitetos, historiadores, entre outros profissionais, se manifestaram contra, primeiramente por ser uma falsa arquitetura típica, construída com nítidos fins comerciais, além de descaracterizar a paisagem urbana e também destruir edifícios históricos para serem substituídos por imitações, como foi o caso do Mercado Municipal de Joinville.

O arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx (BURLE..., 1984), por exemplo, quando esteve em Joinville e Blumenau em 1984, fez fortes críticas a essa arquitetura, que ele considerava um erro, gerando polêmica entre defensores dela. Outro que se posicionou contra o neoenxaimel foi o escritor Harry Laus. Quando da inauguração do novo Mercado Municipal, o escritor publicou um artigo no jornal *A Notícia* com o irônico título de “Enxame sem mel”, no qual apontava várias críticas ao projeto e também à política de incentivo a construções desse tipo, algo denominado por ele como “a loucura arquitetônica de Joinville, ainda mais arrasadora em Blumenau” (LAUS, 1982). Vale ainda destacar as críticas feitas pelo arquiteto e pesquisador Günter Weimer (1980), especialista na arquitetura da imigração alemã no Brasil, citado no início deste artigo. Segundo ele, o neoenxaimel seria “algo semelhante a andar pelas ruas com roupas de babados, perucas cacheadas e lencinho de rendas, querendo parecer um Luiz XV. A imitação deprecia o autêntico em função do grotesco e o original através do arremedo. Só o autêntico e o original têm valor” (WEIMER, 1980, p. 11).

Quanto ao discurso oficial apresentado pelo poder público que evocava as tradições e a memória da cidade, é bastante curioso como justamente na mesma época de implantação do neoenxaimel várias casas de enxaimel antigas foram destruídas, algo que era recorrentemente noticiado nos jornais da época, pois elas não contavam ainda com nenhuma proteção governamental⁹. Haveria de fato nesse projeto de construção de uma cidade germânica interesse em valorizar a história e as tradições?

Com relação ao neoenxaimel, embora ele tenha sido amplamente criticado, e ainda hoje o seja, é inegável que, com o passar do tempo, algumas dessas construções acabaram por cair no gosto do público, tendo sido incorporadas ao imaginário popular de tais cidades e tornando-se símbolos delas. Como imaginar, atualmente, Blumenau sem o Castelinho, por exemplo? Segundo Jeudy (2005, p. 82),

uma arquitetura ou uma obra de arte considerada feia termina dando um certo sabor à cidade. O que é decretado publicamente signo de feiúra, [...] impõe-se algum tempo mais tarde como um símbolo da cidade. Os gestores do urbano podem exercer suas escolhas arbitrárias; sofrerão eventualmente uma chuva de reprovações coletivas. Mas, ao longo do tempo, têm todas as possibilidades de acabar vitoriosos, uma vez que o fruto de suas decisões se integrará ao território da cidade como o signo patrimonial de uma época.

Em Joinville e Blumenau não há, por enquanto, nenhuma proposta para tombamento das edificações em neoenxaimel. E, se houver, certamente gerará polêmica, pois, considerando o critério de autenticidade, elas jamais serão tombadas, uma vez que sua aparência é apenas

⁹ Somente em 1984 foi sancionada em Blumenau uma lei que concederia incentivos fiscais a proprietários de antigas casas de enxaimel, sete anos após a lei que favorecia a construção da falsa arquitetura típica (Lei n.º 3.142, que “concede isenção fiscal às edificações de valor histórico e arquitetônico no município de Blumenau”. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/14603633/lei-n-3142-de-10-de-dezembro-de-1984-do-municipio-de-blumenau>>).

uma imitação do autêntico enxaimel. Não se está aqui defendendo que edificações em neo enxaimel devem ou não ser tombadas; está sendo apenas proposta uma reflexão sobre o tema, afinal, assim como a cultura, que se transforma continuamente, como analisado por Hall (2006) e Canclini (2008), o conceito de patrimônio cultural também é mutável. Dessa forma, a partir do momento em que o neo enxaimel se integrou à vida cotidiana das pessoas, é possível negar sua importância enquanto memória coletiva? Ele não seria também o marco de um momento específico da história dessas cidades? Não teria se tornado um símbolo delas? Tais questões ficam em aberto.

REFERÊNCIAS

ALTHOFF, Fátima R. **Políticas de preservação do patrimônio edificado catarinense: a gestão do patrimônio urbano de Joinville.** Dissertação (Mestrado)–Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE BLUMENAU (ACIB). **100 anos construindo Blumenau.** Blumenau: Expressão, 2001.

BÖBEL, Maria Thereza; S. THIAGO, Raquel. **Joinville, os pioneiros: documento e história.** Joinville: Editora Univille, 2010. v. 1.

BURLE Marx condena falso enxaimel. **A Notícia**, Joinville, p. 5, 20 jul. 1984.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas.** São Paulo: Edusp, 2008.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** 3. ed. São Paulo: Unesp, 2001.

FLORES, Maria B. R. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FROTSCHER, Méri. Blumenau e as enchentes de 1983 e 1984: identidade, memória e poder. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (Orgs.). **Visões do vale: perspectivas historiográficas recentes.** Blumenau: Nova Letra, 2000. p. 185-205.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2005.

HENNING, Priscila. **Memória, preservação e autenticidade: a colônia alemã-bucovina no Paraná.** Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Roteiros nacionais de imigração** – Santa Catarina – dossiê de tombamento. S.l.: s.d.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LAUS, Harry. Enxame sem mel. **A Notícia**, Joinville, p. 20, 3 set. 1982.

LEITE, Rogério P. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PEVSNER, Nikolaus. **Panorama da arquitetura ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SÁNCHEZ, Fernanda. Cultura e renovação urbana: a cidade-mercadoria no espaço global. In: LIMA, Evelyn Furquim W.; MALEQUE, Míria Roseira (Orgs.). **Espaço e cidade** – conceitos e leituras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

TERNES, Apolinário. **História econômica de Joinville**. Joinville: Meyer, 1986.

WEIMER, Günter. A imigração alemã e sua arquitetura. **Jornal Boi de Mamão**, Florianópolis, n. 6, p. 11, 1980.

_____. **Arquitetura enxaimel em Santa Catarina**. Porto Alegre: L&PM, 1994.

_____. **Arquitetura popular da imigração alemã**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o “boom” da memória nos estudos contemporâneos. In: SELLINGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Palavra e imagem, memória e escritura**. Chapecó: Argos, 2006. p. 67-90.